

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## MBARACÁ ENTRE A ESCOLA E A NATUREZA

Maria de Fátima Nascimento Urruth-Kuawá Apurinã<sup>1</sup>

Claudia Mariza Mattos Brandão<sup>2</sup>

Miguel Monteiro Gallo<sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho demonstra a relação entre a escola e a natureza a partir da experiência e elementos da cultura indígena e a aplicabilidade da lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Isso, através da utilização do instrumento musical indígena *mbaracá*, desenvolvido em uma oficina oferecida para estudantes de 7º ano, da Escola Estadual Felix da Cunha. A atividade integra o Projeto de Extensão “Arteiros do Cotidiano”, vinculado ao Curso de Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, que visa contemplar a realização de atividades teóricas e práticas com estudantes da educação básica, explorando diferentes linguagens artísticas, oportunizando a comunidade escolar discussões poéticas acerca das relações contemporâneas com o meio e, aos acadêmicos, práticas docentes em sintonia com a realidade escolar.

**Palavras-chaves:** Indígena; Educação Ambiental; Artes Visuais.

### 1. INTRODUÇÃO

A educação ambiental perpassa todas as ciências no processo de ensino aprendizagem na educação escolar e na formação da cidadania e modos de vida, e a partir desta possibilidade, nasce a proposta da oficina para confecção do instrumento musical indígena *Mbaracá*<sup>4</sup>. Ela transita nos eixos: Educação Ambiental, Educação Indígena e Arte Visuais, e foi desenvolvida a partir do projeto de extensão Arteiro do Cotidiano, vinculado ao curso de Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, inserindo diálogos em sala de aula que envolvem os povos indígenas na contemporaneidade. Além disso, promoveu a quebra de paradigmas, e discussões acerca das leis que garantem a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileiras,

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Discente em Artes Visuais – Licenciatura, UFPel. E-mail: [kakite.apurina@gmail.com](mailto:kakite.apurina@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [attos@vetorial.net](mailto:attos@vetorial.net).

<sup>3</sup> Discente em Artes Visuais – Licenciatura, UFPel. E-mail: [leugimmgallo@gmail.com](mailto:leugimmgallo@gmail.com).

<sup>4</sup> Instrumento musical indígena, utilizado em rituais e festas dos povos indígenas, também conhecido como Maracá, termo aportuguesado da língua Tupi Guarani.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

africanas e indígenas nas escolas, e da importância da preservação da vida no planeta Terra.

E dentro desta transversalidade da Educação Ambiental, nos ensina LEFF (2009):

A educação ambiental emerge e se funda em um novo saber que ultrapassa o conhecimento objetivo das ciências. A racionalidade da modernidade pretende por à prova a realidade, colocando-a fora do mundo que percebemos com os sentidos e de um saber gerado na forja do mundo da vida. O saber ambiental integra o conhecimento racional e o conhecimento sensível, os saberes e os sabores da vida. O saber ambiental prova a realidade com saberes sábios que são saboreados, no sentido da locução italiana *asaggiare*, que põe à prova a realidade degustando-a, pois se prova para saber o que se pensa, e, se a provada vida comprova o que se pensa, aquele que prova se torna sábio. Dessa forma, restaura-se a relação entre a vida e o conhecimento (LEFF. 2018.p.18).

E a relação de compreensão do mundo que vai além da ciência, conecta-se com outros eventos históricos de reparações de outros povos, que pelo eurocentrismo encontrou-se vitimado/escravizado ao longo do processo de colonização das Américas. Assim, a Lei 10.639 foi aprovada em 2003, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileiras e africanas, e a Lei 11.645, que a completa, acrescentando o ensino da cultura e história indígenas. Ambas alteram a lei 9.394, que constitui as diretrizes e bases da educação nacional, *ex vie*:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008).

Os povos indígenas aparecem na história oficial como seres ahistóricos, as referências estão em um processo pretérito e a estereótipo da cultura, como se fossem algo petrificado. Isso, sendo que a importância das crianças conhecerem e identificarem as relações étnico-raciais e a importância social dos Povos Indígenas se faz necessário, e conforme recomenda a lei, a sua aplicabilidade nas Artes Visuais (Educação Artística), relacionada aos eixos de conhecimentos.

A construção de uma visão sobre os povos indígenas para a sociedade é algo que fazer jus a atenção, pois a escola ainda reflete e reproduz um espectro desvirtuado sobre os outros, desprezando a alteridade e preconceitos, como nos educa o antropólogo indígena Baniwa (2006, p. 35):

As contradições e os preconceitos têm na ignorância e no desconhecimento sobre o mundo indígena suas principais causas e origens e que precisam ser rapidamente superados. Um mundo que se autodefine como moderno e civilizado não pode aceitar conviver com essa ausência de democracia racial, cultural e política. Como se pode ser civilizado se não se aceita conviver com outras civilizações? Como se pode ser culto e sábio se não se conhece – e o que é bem pior – não se aceita conhecer outras culturas e sabedorias? (BANIWA, 2006. p.35).

O *Mbaracá* aparece como um dos elementos importantes nos processos de relacionamento e identificação das diversas formas de cultura, produzindo quebras de paradigmas como forma de resistir e existir para transformar, trazendo a educação ambiental nos parâmetros explicitados por Urruth e Calixto:

[...] Educação Ambiental como nos relacionamos com a natureza e o ambiente construído e, sobretudo entre nós mesmos. Essas relações com o lugar, o território e a natureza são aprendidas no cotidiano de nossas vidas. Entendemos que fazemos parte do todo, desde o modo de viver até os nossos rituais quando acessamos os nossos Deuses. A partir desta compreensão, percebemos que nós, indígenas, não nos separamos da natureza. Não temos, como os que não são indígenas, a pretensão de gerir e usar a natureza de forma mercantilista (URRUTH; CALIXTO, 2018, p. 558).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Neste contexto agregam-se as políticas de ações afirmativas produzem retornos e possibilidades de reparações e reconhecimento e atitudes e valores para uma cidadania de pertencimento ao modo de viver em harmonia, partindo da natureza como algo pertencente a ela. É uma leitura, que traz arranjos com uma ecológica *cosmocene* (PEREIRA, 2016) para uma educação ambiental, que reconhece a outricidade, os saberes negados e a invisibilidade dentro das epistemologias ocidentais, buscando o compartilhamento e as subjetividades de uma ontologia para compreender o mundo.

A oficina de *Mbaracá* abrangeu um estudo da origem mítica do instrumento, efetivo e potente nos cantos e danças, como também o uso para rituais de Pajelança, ou seja, a relação com o mundo dos espíritos das florestas, como expressão do pensamento mítico dos conhecimentos ancestrais dos povos que vivem e ainda resistem, após 518 anos de colonização, durante o qual, todos os processos de extermínio fracassaram. Atualmente, segundo dados da Fundação Nacional do Índio- FUNAI e do censo do IBGE, realizado em 2010, a população brasileira soma 190.755.799 milhões de indígenas. Desse total, 817.963 mil são indígenas, representando 305 diferentes etnias e foram registradas no país 274 línguas indígenas. Produzindo e trazendo a sociedade nacional costumes e uma cultura diversificada - embora se reproduza que os todos os indígenas sejam iguais, não o são -, reconhecendo a diversidade, sendo que o *Mbaracá* aparece nos contextos de todos os povos indígenas do Brasil. Uma relação entre a natureza e cultura, com aprendizados de cantos, *rezos* e rituais.

Na concepção indígena, que vivem em outro cosmo, este mundo se constitui de bens e etapas culturais que se incidem. Podemos perceber, nos rituais de pinturas corporais com urucum e jenipapo, a confecção do *mbaracá* ou simplesmente com a aprendizagem de nadar, antes dos cinco anos, nos rios do Amazonas engolindo um determinado peixe vivo. E como no diz o geógrafo Santos (1996, p.273) sobre o pertencimento “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. E o compartilhamento continua nas esferas de todos os modos de vivências e experiências, originando outra nuance de educação ambiental, a educação

ambiental profunda a partir da percepção dos povos indígenas como parte da terra, e o modo relacional de parentesco e identidade com ela.

## **2. ARTEIROS DO COTIDIANO E A INSERÇÃO DA CULTURA INDÍGENA NA ESCOLA**

O projeto de extensão Arteiros do Cotidiano, vinculado às disciplinas de Artes Visuais na Educação II e III, da grade curricular do curso de Artes Visuais – Licenciatura (CEARTE, UFPel), tem a precípua relação de estimular os acadêmicos com a realidade escolar do município da cidade de Pelotas, em processos (auto)formadores, possibilitando aos discentes atividades práticas e teóricas, utilizando diferentes linguagens artísticas. Em julho de 2018 foi finalizada a sua 9ª edição, e conta com a edição de dois volumes da coleção “ARTEIROS DO COTIDIANO: ensino, pesquisa e extensão na formação docente”, estando o terceiro volume em processo de editoração.

Abaixo transcrevemos o projeto, conforme registro na Câmara de Extensão da Universidade Federal de Pelotas, para demonstrar o seu caráter pedagógico e transversal, bem como a sua relação com a abordagem da oficina e dos eixos elencados no presente artigo:

### ➤ **Resumo**

As disciplinas Artes Visuais na Educação II e III contemplam conteúdos voltados para as possibilidades metodológicas do ensino de Artes Visuais na Educação Básica. Logo, é de fundamental importância o desenvolvimento de uma aprendizagem acadêmica no contexto da participação socialmente ativa, experimentando o mundo de forma significativa, e interpretando os fatos cotidianos articulados aos conteúdos disciplinares. Nesse sentido, o projeto de extensão Arteiros do Cotidiano é uma complementação às atividades presenciais das duas disciplinas, elaborado com o intuito de estimular a relação dos acadêmicos com a realidade escolar do município de Pelotas, privilegiando processos (auto)formadores. Ele contempla a realização de atividades teóricas e práticas com estudantes da educação básica, explorando diferentes linguagens artísticas, assim como: o desenho, a colagem, a pintura, a gravura, a fotografia e o vídeo, dentre outras,

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

oportunizando à comunidade escolar pelotense discussões poéticas acerca das relações do homem contemporâneo com o meio, e aos acadêmicos, práticas docentes em sintonia com a realidade escolar.

## ➤ **Objetivo geral**

O seu objetivo geral é o de criar um espaço de formação teórico/prática aos acadêmicos, com vistas ao desenvolvimento de práticas pedagógicas fundamentadas no contato direto com a realidade, também motivando estudantes do ensino fundamental a expressarem e representarem ideias, conceitos, emoções e sensações por meio de poéticas individuais e coletivas.

## ➤ **Objetivos Específicos**

- Compreender as linguagens artísticas numa postura interdisciplinar, possibilitando relações entre Arte e Sociedade na busca do (auto) conhecimento e convivência;

- Criar espaço de inspiração, criação e construção artística com os escolares, promovendo a formação do pensamento sensível e da reflexão crítica acerca das inter-relações entre ética e estética;

- Identificar as expressões artísticas das crianças, suas representações e percepções, relacionando às teorias acerca do desenvolvimento infantil;

- Relacionar os fundamentos conceituais teóricos e práticos da Arte/Educação vinculados às vivências da criança, redimensionando concepções e metodologias adequadas ao processo de aprendizagem.

## ➤ **Justificativa**

As ações desenvolvidas justificam-se, pois, além de ampliar as possibilidades de reflexão e prática do ensino das Artes Visuais, o projeto atua no sentido de atender demandas sociais. Enquanto os acadêmicos conhecem as comunidades e as escolas, eles interferem e entendem melhor os meandros do funcionamento das instituições escolares, o que possibilita a construção de um diálogo afinado com as necessidades comunitárias.

## ➤ **Metodologia**

As ações são planejadas em acordo com uma metodologia qualitativa, cujos procedimentos compreendem: realização de entrevistas com a equipe diretiva e a

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

professora da disciplina de Artes; observações em sala de aula; apresentação dos resultados das entrevistas e observações para a turma de acadêmicos; análise das necessidades da turma; definição do tema que norteará as ações; planejamento das oficinas pelos acadêmicos; elaboração da identidade visual; realização das práticas; elaboração de material áudio visual; apresentação dos resultados e distribuição do DVD para os escolares; avaliação do projeto junto à professora da turma; avaliação da equipe acadêmica sobre o impacto da proposta junto ao grupo de escolares; apresentação de exposição na escola; organização de um livro a partir de relatos de experiência e discussões teóricas sobre os temas abordados; apresentação dos resultados para a comunidade acadêmica no Ciclo de Debates.

## ➤ **Indicadores e metas**

A articulação da proposta com as disciplinas do curso de Artes Visuais – licenciatura demonstra a sua relevância para os docentes em formação, além de uma retroalimentação com o ensino básico através das intersecções propostas entre ensino, pesquisa e extensão. Do ponto de vista dos escolares, os resultados atingidos até então demonstram que, além da ampliação dos repertórios expressivos, os sujeitos são estimulados em sua criticidade e percepção sensorial, descobrindo novos modos de perceber o cotidiano, o que instiga o desenvolvimento de um olhar sensível sobre o mundo ao redor. Para os acadêmicos, o contato direto com os problemas reais e cotidianos estimula discussões facilitadoras da construção de um conhecimento teórico e prático em consonância com a realidade. Ou seja, as ações contribuem para a promoção da cidadania, o desenvolvimento da auto-organização e autonomia de todos os envolvidos.

E foi no contexto da proposta acima apresentada, que surgiu a possibilidade do desenvolvimento da Oficina indiofônica de *Mbaracá*, que sucedeu a do “Livro do Pajé”, atividade desenvolvida na disciplina Artes Visuais na Educação II, na etapa de experimentação por parte dos acadêmicos das possibilidades metodológicas e temáticas a serem proposta na escola, através do *Arteiros do Cotidiano*. Durante a realização do “Livro do Pajé”, foram catalogadas as plantas medicinais do jardim do Centro de Artes, e confeccionamos um livro desenhando as folhas das plantas, e escrevendo sobre as

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

propriedades curativas e tóxicas aos seres humanos, finalizando a atividade com os colegas da turma, com o plantio de mudas de plantas, que produziram ressonâncias e um contato com a terra, pois segundo relatos da experiência, tínhamos colegas, que nunca haviam plantando uma planta durante sua existência terrena. A atividade do *Mbaracá* é sequencial, pois buscou, dentro do projeto, a continuação de mostrarmos outro modo de vida e cultura aos educandos da escola que fazem parte do projeto de extensão *Arteiros do Cotidiano*, assim como aos colegas acadêmicos.

Entendemos que esse é um modo de (des)colonizar os modos de se ensinar e produzir outros saberes, como uma linha de fuga do eurocentrismo que norteia o ensino no Brasil:

Para a Europa <civilizada>, o chamado Novo Mundo é outro mundo: costumes selvagens, sem religião, espírito degradado, os povos não têm escrita, não tem arquivos, não tem estados. Eles não pertencem, portanto, ao mundo histórico em todas suas formas: moral, civil e política. Os povos com escrita revelam com toda nobreza o território da história, os selvagens serão objetos dos etnólogos (NGOENHA, 2014, p. 73).

Abordar menções que remetem a nossas raízes africanas e indígenas é um rememorar histórico, capaz de levar a uma impressão de pertencimento e reconhecimento do território em que habitamos. Isso proporciona aos indivíduos maior repertório cultural, fundamental para o desenvolvimento de criações em harmonia com a Terra.

### **3. OFICINA DE MBARACÁ**

A experiência com a atividade de produção do *Mbaracá* foi especial, pela proposição em si, e por fazemos parte de um movimento e trocas de saberes, que evidencia o conhecimento indígena. A compreensão dos usos e costumes tornar-se importante para entendermos como os povos indígenas relacionam-se com o instrumento, e como ele se tornou um objeto de tradição e resistência cultural. A oficina se desenvolveu de maneira fluida, desde seu planejamento até a execução, demonstrando também a importância da parceria para o desenvolvimento de atividades coletivas.

Houve um preparo do material previamente, nos colocamos a serrar, limpar os

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

materiais orgânicos, praticando os *rezos*<sup>5</sup> pelas plantas que os fizeram crescer. Nesse momento, fomos articulando nossas ideias para o bom desenvolvimento da proposta, aprendemos, relembramos e conhecemos com as histórias ancestrais dos Povos Indígenas, em especial dos *Apurinã*<sup>6</sup>, da qual uma das interlocutoras deste trabalho é originária.

No dia da oficina com as crianças, fomos emanando sons até a escola estadual Feliz da Cunha, próxima ao Centro de Artes, fazendo sons, através dos instrumentos *mbaracá* e do tambor. Performando no ambiente urbano e transformando o cotidiano, ao entrar em sala mostramos uma prévia da nossa atividade, emitindo o som do *mbaracá*. No caminho de retorno ao Centro de Artes, seguimos fazendo sons e pouco a pouco as crianças falavam sobre seus conhecimentos e vivências a partir do material do instrumento. Espaços como a capoeira e templos de religiões de matrizes africanas foram citados neste percurso.

Partindo das reflexões sobre pertencimento, desenvolvemos a atividade com o objetivo de aportar às crianças um referencial indígena e educação ambiental, relacionando os saberes indígenas, musicais e artísticos. Apresentando o instrumento musical *Mbaracá*, que foi desenvolvido pelos estudantes utilizando alguns materiais orgânicos como o porongo<sup>7</sup>, bambu e sementes de pau-brasil e açaí (Figura 1), e não orgânicos: miçangas coloridas de diversos tamanhos e cores, linhas de lã e algodão, cola, tesoura e pinceis.

<sup>5</sup> Ritual de rezas na língua indígena para os deuses ancestrais indígenas.

<sup>6</sup>“Dispersos em locais próximos às margens do Purus, os Apurinã compartilham um rico complexo cosmológico e ritual. Sua história é fortemente marcada pela violência dos dois ciclos da borracha na região amazônica. Hoje lutam pelos direitos a algumas de suas terras que ainda não foram reconhecidas e que são recorrentemente invadidas por madeireiros”. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurin%C3%A3>

<sup>7</sup> Nome científico: *Lagenaria vulgaris*. Família: Cucurbitaceae. Sinônimos botânicos: *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl., *Lagenaria siceraria* var. *siceraria*. Outros nomes populares: cabaça-amargosa, cabeça-de-romeiro, cabaça-purunga, cabaço-amargoso, cocombro, cuia, cuieteseira porongo, taquera. Disponível em : [http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Lagenaria\\_vulgaris.htm](http://www.plantamed.com.br/plantaservas/especies/Lagenaria_vulgaris.htm).

# Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Figura 1: Sementes, penas e bambu



Fonte: Acervo Arteiros do Cotidiano

Na sala de aula, previamente preparada para a oficina, apresentamos a proposta desde sua raiz, contando o nome do instrumento indiofônico e a forma correta de sua pronuncia e escrita, além da história de resistência dos povos indígenas e a utilização do instrumento. Distribuímos sementes de porongo para conhecer a origem do instrumento na sua essência natural, propondo que plantassem as sementes algum dia, que teriam um pé em seus quintais, e então iniciamos a confecção da escultura melodiosa: o *mbaracá*. Cada participante fez o seu a seu tempo, contando com o nosso apoio, que ministrávamos a oficina, e dos colegas. Cabe destacar que a educadora da turma participou e revelou ter gostado da atividade, confeccionando o seu instrumento colorido.

Partindo da experimentação do som, cada criança escolhia que tipo de matéria gostaria de usar em seu instrumento, sementes, miçangas de distintos tamanhos, colocando depois o cabo de bambu e fixando com um pouco de cola (Figura 2). Havia distintas cores de linhas que foram usadas na decoração dos instrumentos, tornando cada produção única visualmente, produzindo, assim, sua identidade e trazendo reflexões sobre si e o ambiente que o cerca.

# Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Figura 2: Subjetividades



Fonte: Acervo Arteiros do Cotidiano

Após a confecção do instrumento caminhamos em uma tarde ensolarada de inverno pelo jardim do Centro de Artes, balançando nossos *mbaracás*, conversando, brincando e sorrindo. Juntos, recordamos da relação do instrumento com o som da água, fonte vital para a vida na mãe Terra. Fizemos uma breve roda para a experimentação sonora e coletiva dos instrumentos e caminhamos em grupo, deslocando uma massa sonora que trazia para contemporaneidade e para o ambiente urbano uma prática ancestral comum a diversas culturas indígenas, dessa vez fazendo mais sonoridades, já que todos carregavam em suas pequenas mãos um *mbaracá* dos povos indígenas, vivenciando uma relação entre a Arte a Educação Ambiental e Indígena (Figura 3).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepevida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

**Figura 3:** Crianças e Mbaraká



Fonte: Acervo Arteiros do Cotidiano

E podemos pensar/sonhar, que alguma criança comente em sua casa sobre o que viveu e executou neste dia da oficina. Temos a sensação de que obteve sentido a atividade e que este aporte teórico, não eurocêntrico, pode fazer parte deste acervo de conhecimento, vivido pelas educando/as e dar voz ao mesmo no decorrer de sua formação educacional. Acreditamos que assim, contribuímos para a produção de outras vozes, contando outra história sobre os povos indígenas e, com isso, atingimos os objetivos do projeto, assim como o da Lei 11.645 e da abordagem sensível da educação ambiental.

Concluimos que a cartografia realizada, desde a escolha do tema, a busca dos materiais, o plano de aula, a oficina experimental, ministrada para os colegas acadêmicos, as orientações da professora coordenadora do projeto de extensão, as nossas descobertas e sentidos de aprender e compreender, são etapas que compõem o processo que nos levou a um encontro solidário de compartilhamento, à descoberta da docência e a realizações de sonhos possíveis neste mundo que necessita de amor entre todos os povos: indígenas, negros e brancos, orientais e ocidentais, para resistir e efetivar transformações. Trata-se de

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

ações de micro resistência que, somadas, possibilitarão macro transformações.

## REFERÊNCIAS

BANIWA, Luciano Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, LACED/Museu Nacional, 2006.

LEFF, Enrique, Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação & Realidade** [en línea] 2009, 34 (Septiembre-Diciembre). Consulta: 15 de agosto de 2018 Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227055003>.

NGOENHA, Severino Elias. **Das independências às liberdades: filosofia africana**. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

PEREIRA, Vilmar Alves. (2016). **Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos**. Juiz de Fora: GARCIA edizioni.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo :Hucitec, 1996.

URRUTH, Maria de Fátima Nascimento. CALIXTO, Patrícia Mendes. Educação Indígena e Educação Ambiental - aproximações: o caso do povo do Pássaro Azul Shanenawá. **REVISTA THEMA**, v. 15, p. 575-591, 2018. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/823/773>.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Decreto-lei nº 11.645, de 10 Março de 2008. Consulta: 10 de agosto de 2018 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm).

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.